



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL-UEMS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE NOVA ANDRADINA-MS

ADEMAR APARECIDO RODRIGUES SUARES

O USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

JANEIRO

2021

ADEMAR APARECIDO RODRIGUES SUARES

O USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como requisito final para obtenção do título de graduado no curso de Computação, Licenciatura, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Nova Andradina, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Alaíde Pereira Japecanga Aredes.

JANEIRO
2021

Suares, Ademar Aparecido Rodrigues.
O uso das mídias na educação básica: Uma reflexão pedagógica. – Nova
Andradina, MS: UEMS, 2021.
p.33; 30cm

Monografia (Graduação) – Biblioteconomia – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, 2021.

Orientadora: Prof. Dr^a Alaíde Japcanga Aredes
1. Educação; 2.Educação Básica; 3.Mídias I. Título

CDD 23.ed. -

FOLHA DE APROVAÇÃO

ADEMAR APARECIDO RODRIGUES SUARES

O USO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Monografia de Conclusão de Curso ao apresentado ao Curso de Computação, Licenciatura, unidade de Nova Andradina como requisito básico para Conclusão do Curso em Computação, Licenciatura, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em 13/01/2021

BANCA EXAMINADORA



Aláide Pereira Japécanga Aredes

Presidente PROF^a. DRA. ALAÍDE PEREIRA JAPECANGA AREDES-
(ORIENTADORA)



PROF^a. MSC SANDRA ALBANO DA SILVA
(EXAMINADORA-UEMS)



Assinatura

PROF^a. DRA. ELIZA DA SILVA MARTINS PERON
(EXAMINADORA-UEMS)

Nova Andradina, 13 de Janeiro de 2021

Dedico este trabalho à minha família, pela preocupação, compreensão e paciência para que eu pudesse superar esse desafio.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, e pelas conquistas que ela me permite.

Aos professores que fizeram parte dessa jornada.

A todos os familiares que me incentivaram de forma significativa.

“A ciência de hoje é a tecnologia de amanhã”
(*Edward Teller*)

RESUMO: Essa pesquisa sobre o uso de mídias na educação constitui-se num estudo bibliográfico que busca trazer uma reflexão, não muito aprofundada, sobre as contribuições e o uso das mídias no cenário da educação básica que se configura no Brasil, tendo em vista quanto é importante às questões pertinentes ao uso dessas tecnologias no contexto escolar. Com a emergência das mídias na contemporaneidade, enquanto novas tecnologias de aprendizagem, ferramentas interativas, novas tecnologias da informação e de comunicação que proporcionam ao aluno e ao professor novas formas de se relacionar, interagir com o mundo de uma forma dinâmica e reflexiva. Essas ferramentas vêm trazendo de certa forma, uma evolução, sobretudo, quando se trata de produção de conhecimentos, informação, da relação professor-aluno no contexto de aprendizagem da sala de aula. O uso de recursos midiáticos e tecnológicos como geradores de novas aprendizagens no contexto escolar, por meio de múltiplas linguagens atua por meio de um processo reflexivo do professor, como mediador, que, em meio às diferentes mídias direciona suas formulações, perspectivas, de modo a desenvolver habilidades nos educandos. Dessa forma, a escola não pode permanecer ilhada em concepções tradicionais de ensino, mas observar o papel das mídias na sala de aula como ferramentas imprescindíveis para aprendizagem, tendo em vista que a cultura a que se ensina escola, já não produz tantos efeitos no desenvolvimento do educando, é preciso aliar-se às plataformas de ensino, bem como o uso pedagógico dos aparelhos móveis, como o smartphone ou o tablet, entre outros, cujas funções, além de formar um educando crítico, possibilitam, também, o desenvolvimento, a formação de um aluno protagonista, autônomo nos processos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação, Educação Básica, Mídia.

ABSTRACT: This research on the use of media in education constitutes a bibliographic study that seeks to bring a reflection, not very deep, on the contributions and the use of media in the scenario of basic education that is configured in Brazil, considering how important it is to issues relevant to the use of these technologies in the school context. With the emergence of media in contemporary times, as new learning technologies, interactive tools, new information and communication technologies that provide students and teachers with new ways of relating, interacting with the world in a dynamic and reflective way. These tools have brought, in a way, an evolution, especially when it comes to the production of knowledge, information, the teacher-student relationship in the context of classroom learning. The use of media and technological resources as generators of new learning in the school context, through multiple languages, acts through a reflexive process of the teacher, as a mediator, who, in the midst of different media, directs his formulations, perspectives, in order to develop skills in learners. In this way, the school cannot remain isolated in traditional teaching concepts, but observe the role of the media in the classroom as essential tools for learning, considering that the culture that the school is taught, no longer produces so many effects on development of the student, it is necessary to ally with the teaching platforms, as well as the pedagogical use of mobile devices, such as the smartphone or tablet, among others, whose functions, in addition to forming a critical student, also enable the development, the formation of a protagonist student, autonomous in the teaching and learning processes.

Keywords : education, Basic education, Media .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: AS MÍDIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	16
CAPÍTULO II: USO DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	23
CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DAS MÍDIAS NOS PROCESSOS PEDAGÓGICO.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

O uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação na educação brasileira no contexto pedagógico da sala de aula vem, ao longo dos anos, proporcionando uma mudança de paradigma no Brasil, principalmente, em relação ao uso dos computadores e outros equipamentos. Nesse sentido, Belloni (2009) pondera que, com a emergência das mídias na contemporaneidade, enquanto novas tecnologias de aprendizagem, ferramentas interativas, novas tecnologias da informação e de comunicação, que proporcionam ao aluno e ao professor, novas formas de se relacionar, interagir com o mundo, e o outro no contexto pedagógico de uma forma dinâmica e reflexiva. Essas ferramentas vêm trazendo, de certa forma, uma evolução, sobretudo, quando se trata de produção de conhecimentos, informação, da relação professor-aluno no contexto de aprendizagem da sala de aula.

Por outro lado, Briggs e Burke (2002) argumentam que, com a emergência da internet nas últimas décadas do século XX, modificando as paisagens culturais, os hábitos dos indivíduos e as relações sociais, possibilitou o surgimento de novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, bem como novas formas de produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, transformou-se num novo modelo de comunicação, onde as pessoas podem interagir com outras ao mesmo tempo. Essas mudanças culturais e tecnológicas impactam, de certa forma, a escola e o contexto escolar, em que as mídias na educação propõem um novo modelo de professor e, ao mesmo tempo, uma postura de aluno engajado com as novas tecnologias digitais.

Enfatiza-se ainda que o processo de ensino e aprendizagem na escola, por meio das novas tecnologias, novas ferramentas digitais é algo que, em muitos lugares, e regiões do país, são carentes, isto é, um processo que nem todas as escolas têm acesso. Segundo o Censo Escolar (2018) ¹publicado em janeiro de 2019, mostram que a disponibilidade de recursos tecnológicos no ensino médio é maior do que a observada para o ensino fundamental.

Isso se dá, em primeiro lugar devido às condições estruturais do ambiente escolar, em segundo, a falta de cursos de formação inicial e continuada para os docentes. No ensino básico que é, em tese, o início da escolarização, o uso das mídias, das novas tecnologias digitais de informação e de comunicação, foi uma das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais,

¹ A disponibilidade de recursos tecnológicos (laboratório de informática, internet e internet banda larga) nas escolas de ensino médio é maior do que a observada para o ensino fundamental. Esses recursos são encontrados em mais de 60% das escolas em todas as dependências administrativas. A biblioteca ou sala de leitura está presente em mais de 80,0% em todas as dependências administrativas, passando de 90,0% nas redes federais e privadas. CENSO ESCOLAR, 2018, p. 06

que, por sua vez, foi retomada, de forma mais profunda pela BNCC - Base Nacional Comum Curricular, de modo a trazer para o contexto educacional a implementação de currículos de aprendizagem em que as chamadas tdcics² ser desenvolvidas e contextualizadas na sala de aula.

Por outro lado, com a emergência das novas tecnologias que eclodiram na contemporaneidade, a escola não poderia permanecer ilhada em pressupostos tradicionais. Nesse sentido, forma-se a necessidade de uma nova postura de professor, nova postura de escola e de professor. Este último torna-se um mediador, no sentido Vygotskyano do termo, do processo de ensino e aprendizagem.

A figura mais moderna do professor, ancorado nos pressupostos da mediação de Vygotsky, em que as tecnologias (mídias) impulsionam o desenvolvimento do aluno, em outros termos, o contexto da sala de aula, com uso de mídias e tudo que a ela está relacionado, isto é, deve ser aquela ancorada às tecnologias digitais de informação e de comunicação que proporcionam ao educando o acesso ao conhecimento e tudo a ele que está relacionado. De forma geral, a utilização de mídias no contexto pedagógico significa uma nova forma de organização do trabalho pedagógico, uma perspectiva que não vê as mídias apenas como uma proposta metodológica, mas que constrói uma visão diferenciada do sujeito (aluno), do professor e dos instrumentos de ensino. Considera-se ainda que o uso das mídias no contexto de ensino possibilita ao professor trabalhar em diferentes perspectivas de aprendizagem, que abrange, desde as habilidades de leitura de diferentes suportes, até o desenvolvimento de desenhos, cálculos entre outras possibilidades.

Em resumo, o uso dos recursos midiáticos e tecnológicos como geradores de novas aprendizagens, por meio de múltiplas linguagens atua por meio de um processo reflexivo do professor, como mediador, que, em meio às diferentes mídias direciona suas formulações, perspectivas, de modo a desenvolver habilidades nos educandos.

Moraes e Teruya (2010, p. 02), acrescentam que:

A competência para utilizar pedagogicamente as novas tecnologias pressupõe novas formas de se relacionar com o conhecimento, com os outros e com o mundo, em uma perspectiva colaborativa. Essas alternativas propõem ir além dos cursos de formação que contemplam apenas aspectos técnicos e operacionais. Isso exigirá do professor reflexões para alcançar uma concepção teórica da aplicação das tecnologias na educação escolar. Para utilizar os computadores, os professores precisam criar situações em que o conteúdo da aula faça sentido para o aluno, para que as produções escolares sejam significativas.

² Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BNCC, 2018, p.65).

O que os autores ponderam acima não é, em tese, algo fora da realidade, considerando que os cursos de formação inicial e continuada não suprem as deficiências pedagógicas do professor no uso de tecnologia na escola. É preciso ir além das rotinas tradicionais da sala de aula, em outros termos, fazer com que o educando vivencie o que aprende, criando situações de aprendizagem, ou seja, para que o professor use tecnologias na sala de aula tais como: smartphone, data show, câmeras digitais ou mesmo softwares interativos, não basta apenas “ligar” e colocar os educandos numa sala, é necessário, antes de tudo, fazer com que eles sejam os autores que, a partir do conteúdo e das ferramentas que professor lhe ofereça possa ir além do uso do pen-drive ou do simples acesso à internet ou do uso computador, mas que sejam autores de suas histórias e de seus projetos.

Sendo assim justifica-se esta pesquisa pela expansão da internet nos últimos anos, e das novas tecnologias digitais de informação e de comunicação, surgiu também novas formas de ensinar e de se comunicar, o que, em termos pedagógicos, significa um “salto” evolutivo no contexto escolar, já que se passa de uma fase envolvendo o giz e o quadro negro, para outra que, modernamente, o computador, smartphone, data show, lousa digital, rádio escola e TV escola, tornam-se ferramentas imprescindíveis nos processos pedagógicos.

Nesse sentido, buscou-se mostrar a importância desses recursos midiáticos para/no contexto escolar, considerando que a escola não deveria ficar à mercê de pressupostos e doutrinas tradicionais, ao contrário, a educação midiática ou uso de recursos tecnológicos deve ser prioridade no contexto de ensino e aprendizagem.

O objetivo geral elencado nesta investigação foram os seguintes: trazer uma reflexão, não muito aprofundada, sobre as contribuições e o uso das mídias no cenário da educação básica, que se configura no Brasil, em outros termos, fazer uma reflexão sobre o uso das mídias, dos recursos tecnológicos na educação básica no país, tendo em vista que, quanto é importante as questões pertinentes ao uso dessas tecnologias no contexto escolar, considerando que o público docente ainda se mostra, em tese, despreparado para lidar com equipamentos, tecnologias presentes na contemporaneidade.

Por outro lado, quanto é importante para educando o uso de tecnologias, de mídias na sala de aula, principalmente, no que se refere ao desenvolvimento das potencialidades e habilidades do educando.

Ainda, foram postos como objetivos específicos, fazer uma reflexão, a partir de contribuições teóricas já existentes sobre o uso das mídias na educação básica; Levantar

indicadores que abordam os desafios e as contribuições das mídias e dos recursos tecnológicos na educação básica.

Em relação a metodologia, se firmou e se pautou num estudo bibliográfico, isto é, essa pesquisa em torno da questão dos usos das mídias na educação básica não pretende desenvolver uma nova ideia sobre o objeto de estudo, nem mesmo longo processo de análise de dados, mas tecer algumas considerações, por meio da pesquisa bibliográfica acerca dos recursos midiáticos, tecnológicos utilizados ou que deveriam ser utilizados na educação básica. Para tanto, foi utilizada a análise de alguns artigos e pesquisas realizadas sobre o uso das mídias, e das tecnologias no contexto da educação básica.

De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 43) a pesquisa bibliográfica é um levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”. No caso desta pesquisa, pretende-se argumentar e abordar os principais estudos teóricos, pesquisas científicas concernentes a este objeto de estudo.

Fez-se um recorte bibliográfico. Basicamente utilizou-se alguns teóricos, pesquisas já formuladas cujas ideias são referências tanto para o contexto pedagógico quanto para áreas que envolvem uso de tecnologias.

Briggs e Burke (2002) em seu livro “Uma história, social das mídias: De Gutenberg à internet”, cujas ideias não descrevem nenhum equipamento tecnológico, mas faz uma história das mídias no mundo, isto é, relata teórica e, cientificamente, o nascimento das mídias (enquanto veículo de telecomunicação) até a emergência da internet no século passado. Ao mesmo tempo, relata a evolução da internet e como esta revolucionou o mundo em que vivemos, transformando, dessa forma, as paisagens culturais e o modo de vida dos indivíduos.

Por outro lado, Belloni (2009c) no seu livro “O que é mídia na educação” focaliza seu argumento em descrever o que significa Mídias na educação, ou seja, o que são Mídias no contexto Educacional? Para a discussão, a autora levanta vários questionamentos acerca da temática. Ao longo da sua obra, pode-se perceber a ênfase dada às TDICs, ou seja, tecnologias digitais de informação e de comunicação no contexto educacional. Segundo a pesquisadora, surgiu devido às pressões do mercado que exigia um novo perfil de indivíduo frente às novas exigências da sociedade. Por outro lado, a autora acrescenta ainda que o uso de tecnologia na escola é uma forma de exercer a cidadania e forma democrática de acesso ao conhecimento, através da internet, do uso de equipamento tecnológico.

Cury (2002) argumenta sobre o conceito de educação básica no Brasil, sobre o qual pondera suas afirmações e concepções em torno da história da educação brasileira, da Constituição de 1988 e os direitos de acesso à educação no Brasil.

Santos (2000) por outro lado, focaliza sua argumentação em torno dos “Espaços virtuais de aprendizagem”, ou mais precisamente, o uso dos espaços, ferramentas virtuais de aprendizagem, que através da internet revolucionou a educação, principalmente com as novas tecnologias da informação que emergiram no século XX, com novos modos de ensinar.

Existem outras referências, teóricos que não serão abordados nessa seção, mas na próxima, de forma mais detalhada, cujas ideias e teorias para esta pesquisa, são de suma importância.

CAPÍTULO I: AS MÍDIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nesta seção não se pretende historicizar a questão das mídias ou a educação brasileira, mas de forma sucinta, abordá-las e contextualizá-las de acordo com os objetivos da pesquisa. Nada impede que ao longo do trabalho ou da seção cite-se datas ou breves abordagens como forma de argumentar ou dar uma certa coerência à pesquisa.

Nesse sentido, a história da educação no Brasil passou por muitas transformações, reformas educacionais, embates polêmicos até chegar ao que se conhece hoje, como educação democrática, tal como promulgado na Constituição 1988. Para Saviani (2008), a história das instituições escolares não é de hoje, remonta com a chegada dos jesuítas em 1549 ao território brasileiro, que outrora era colônia portuguesa, lugar este onde foi criada a primeira escola brasileira. Depois desse período, a educação brasileira seguiu essa cronologia:

O primeiro período (1549-1759) é dominado pelos colégios jesuítas; o segundo (1759-1827) está representado pelas “Aulas Régias” instituídas pela reforma pombalina, como uma primeira tentativa de se instaurar uma escola pública estatal inspirada nas idéias iluministas segundo a estratégia do despotismo esclarecido; o terceiro período (1827-1890) consiste nas primeiras tentativas, descontínuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial E pelos governos das províncias; o quarto período (1890-1931) é marcado pela criação das escolas nos estados na forma de grupos escolares, impulsionada pelo ideário do iluminismo republicano; o quinto período (1931-1916) se define regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primária, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador; finalmente, no sexto período, que se estende de 1961 aos dias atuais, dá-se a unificação da regulamentação da educação nacional abrangendo a rede pública (municipal, estadual e federal) e a rede privada as quais, direta ou indiretamente, foram sendo moldada a segundo uma concepção produtivista de escola (SAVIANI, 2008, p. 02)

Conforme pondera Saviani, percebe-se claramente que a história da educação no Brasil passou por embates e rupturas polêmicas, primeiro com a reforma pombalina ao expulsarem os jesuítas do território português e, por sua vez do território brasileiro. Segundo, com as reformas educacionais que surgiram ao longo dos tempos na sociedade. Por outro lado, em meio a esse embate político que eclodiu no país nesse período histórico, a escola permaneceu “a todo vapor”, isto é, nunca parou de funcionar, mesmo com concepções e métodos pedagógicos extremamente rudimentares. Algumas dessas concepções perduraram e atravessam décadas, períodos históricos e tiveram muitos devotos, que até hoje coexistem na sala de aula.

Vamos mostrar algumas dessas concepções que atravessam a história da educação no Brasil e algumas delas ainda proliferam nos contextos educacionais no país.

Queiroz e Moita (2007, p.7-8-9-11-12-13) apresentam algumas dessas concepções e seus métodos de ensino. Para eles, a pedagogia tradicional está no Brasil, desde o período dos jesuítas. A função da escola é preparar os alunos para assumir papéis na sociedade, porque quem, na realidade, tinha acesso às escolas eram os filhos dos burgueses e a escola tomava como seu papel principal, fazer o repasse do conhecimento moral e intelectual. Nessa proposta a metodologia era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber, o qual deveria ser repassado para os alunos. O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, suas aulas deveriam ser expositivas baseadas na repetição e na memorização.

Por outro lado, a tendência liberal renovada, segundo os autores mudou o mundo, no que diz respeito às concepções filosóficas e sociológicas da educação. Nas décadas 20 e 30, o pensamento liberal democrático chega ao Brasil e à Escola Nova chega defendendo a escola pública para todas as camadas da sociedade. Manifesta-se por várias versões: a renovada progressista ou pragmática, que tem em John Dewey e Anísio Teixeira seus representantes mais significativos; a renovada não-diretiva, fortemente inspirada em Carl Rogers, o qual enfatiza também a igualdade e o sentimento de cultura como desenvolvimento de aptidões individuais; a culturalistas; a piagetiana; a montessoriana; todas relacionadas com os fundamentos da Escola Nova ou Escola Ativa

Já a Tendência Liberal Tecnicista, destaca-se no final dos anos 60, no declínio e desprestígio da Escola Renovada. Ele é inspirado nas teorias da aprendizagem e da abordagem do ensino de forma sistêmica. Essa proposta constituiu-se numa prática pedagógica fortemente controladora das ações dos alunos e, até, dos professores, direcionadas por atividades repetitivas, sem reflexão e absolutamente programadas, com riqueza de detalhes. Ela defende, também, além do princípio da neutralidade, a racionalidade, a eficiência e a produtividade.

A Concepção tendência progressista libertadora, por sua vez, vigorou no Brasil no final dos anos 70 e início dos 80, a abertura política decorrente do final do regime militar coincidiu com a intensa mobilização dos educadores para buscar uma educação crítica. A “pedagogia libertadora” que é oriunda dos movimentos de educação popular que se confrontava com o autoritarismo e a dominação social e política. Nesta concepção a atividade escolar deveria centrar-se em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social imediata e o professor deveria agir como um coordenador de atividades, aquele que organiza e atua conjuntamente com os alunos. Seus defensores, dentre eles o educador pernambucano Paulo Freire, lutavam por uma escola conscientizadora, que problematizasse a realidade e trabalhasse pela transformação radical da sociedade capitalista.

Em outra perspectiva, a tendência progressista libertária teve como fundamento principal realizar modificações institucionais, acreditando que a partir dos níveis menores, iriam modificar, “contaminando” todo o sistema, sem definir modelos a priori e negando-se a respeitar qualquer forma de autoridade ou poder. Suas ideias surgem como fruto da abertura democrática, que vai se consolidando lentamente a partir do início dos anos 80, com o retorno ao Brasil dos exilados políticos e com a conquista paulatina da liberdade de expressão, através dos veículos de comunicação de massa, dos meios acadêmicos, políticos e culturais do país. Cresce o interesse por escolas verdadeiramente democráticas e inclusivas e solidifica-se o projeto de escola que corresponda aos anseios da classe trabalhadora, respeitando as diferenças e os interesses locais e regionais, objetivando uma educação de qualidade e garantida a todos os cidadãos.

Por último, a “pedagogia crítico-social dos conteúdos” em sua concepção defende que a função social e política da escola deve ser assegurar, através do trabalho com conhecimentos sistematizado, a inserção nas escolas, com qualidade, das classes populares garantindo as condições para uma efetiva participação nas lutas sociais. Esta tendência prioriza, na sua concepção pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, a prática de métodos de estudo, a construção de habilidades e raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica para fazer frente à realidade social injusta e desigual. Busca instrumentalizar os sujeitos históricos, aptos a transformar a sociedade e a si próprios.

Por outro lado, o termo “educação básica” que foi, historicamente, uma conquista de educadores e militantes, a partir de 1988, ganha uma nova significação, de acordo com Cury (2002) no Brasil. Evidentemente a partir da promulgação da Constituição Federal (1988), estabelecendo um conjunto de regulamentos e diretrizes inerentes à educação no país, sobretudo, aquele artigo que pondera que a “educação é um direito de todos” (Art.205). No entanto, é com a LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação, por meio da lei 9394\96, que o termo educação básica ganha significação no Brasil. O que havia antes dessa lei, na realidade, era um conjunto de diretrizes, em que nem todos, apenas alguns, com certos privilégios, poderiam ter acesso à escola, ao contexto da sala aula.

Para Cury (2002, p. 169), “[...] a educação básica é um conceito mais do que inovador para um país que, por séculos, negou, de modo elitista e seletivo, a seus cidadãos o direito ao conhecimento pela ação sistemática da organização escolar”. Hoje, a educação constitui um direito de todos, estabelecida em três etapas: Educação Infantil, Fundamental e o Ensino Médio, isto é, dá-se, desse modo, um conceito significativo de educação básica que outrora, era apenas

alguns que tinham direito de acesso aos espaços sociais, outros ficavam à margem do contexto da sala de aula.

A Educação Básica vem definida no art.21 da LDB como um nível da educação nacional que se congrega por meio da articulação de três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (CURY, 2002, p. 169) e que tem, como finalidade, “[...] desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (LDB, 1996, p. 14).

Nesse contexto, emerge um conceito de educação básica, que tem por finalidade desenvolver o educando em todos os aspectos, ao mesmo tempo, prioriza-se a formação de um cidadão, habilitando-o com ferramentas para que possa prosseguir em estudos posteriores. Em suma, de um lado o termo educação básica carrega em si, as etapas de ensino, de outro o desenvolvimento do educando, a relação professor-aluno ou ensino-aprendizagem.

Dentre muitas teorias que mencionam os processos de aprendizagem e desenvolvimento do educando cita-se, aqui, a teoria de Vygotsky (2007) do desenvolvimento humano na qual, ele discute a questão da mediação no desenvolvimento do sujeito, (o que aprende). Para ele, a mediação é o elemento central para compreensão do desenvolvimento e do funcionamento das funções psicológicas superiores, porque o homem não se relaciona com o mundo de forma direta, mas o faz fundamentalmente, de forma mediada por instrumentos materiais e psicológicos.

A teoria da mediação no contexto da sala de aula causou um impacto muito grande, sobretudo na relação professor-aluno e ensino-aprendizagem, considerando que o professor utiliza-se de instrumentos materiais e psicológicos tanto para se comunicar (psicológico) com o educando, relação professor-aluno, ensino-aprendizagem, quanto para selecionar atividades, vídeos, slides, (materiais) filmes entre outros.

Por outro lado, Vygotsky (2007) na teoria histórico-cultural, pondera que, ao apropriar-se dos elementos culturais construídos pela humanidade, através da interação, das práticas interativas, o sujeito utiliza-os como instrumentos que lhe permitem ampliar e compreender suas relações e seu mundo que o circunda. Isso evidentemente, por meio da mediação que é, de acordo com Oliveira (1997, p. 26) “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa ser mediada por esses elementos”.

Souza e Rosso (2011, p. 05) *apud* Oliveira (1997, p. 26) ponderam que a mediação mediada pelo outro, no caso um professor, efetiva-se uma ação mais significativa sobre o objeto, o que significa que o sujeito passa a transformar, dominar e internalizar conceitos, papéis e funções sociais, o que, dessa forma viabiliza os processos de aprendizagem.

A Zona desenvolvimento Proximal é um dos principais pontos na teoria Vygotskyana, onde se pode ver claramente a questão da mediação. Vygotsky enfatiza esta mediação, os processos de interação, ou, mais precisamente, os processos pelos quais a criança pode realizar uma atividade sozinha sem o auxílio de um adulto e onde não pode, isto é, através dessa teoria pode se compreender os processos que envolvem a relação professor-aluno ou mesmo ensino-aprendizagem, em síntese, o processo de internalização por meio da ZDP mostra onde a criança pode conseguir aprender sozinha e onde precisa da ajuda do professor para fazer uma atividade. Dessa forma, a Zona de Desenvolvimento Proximal, segundo Vygotsky (2007, p. 103) é possibilitar ao aprendiz o desenvolvimento de sua autonomia para pensar e agir na resolução dos seus problemas e quando isso não é possível, entra a figura do mediador, o qual vai dar orientação porque ele é mais capaz.

É nesse sentido que afirma Bezerra (2005, p 39),

[...]o mais experiente, o responsável institucional pela aprendizagem dos discentes, deve “desafiar, através do ensino, os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos”. O professor deve trabalhar sobre a ZDP para que aquilo que a criança realiza com a ajuda de um adulto, mais tarde possa realizar de forma independente. Para tanto, defende Chevallard (1991) que os saberes, os conhecimentos científicos/teóricos produzidos pela comunidade científica, devem chegar à sala de aula da mesma forma, com a mesma “roupagem” que foram produzidos (STRINQUER, 2017, p. 148).

Dessa forma, trazendo à ZDP para a questão das mídias na educação básica, o tema dessa pesquisa, facilitaria muito ao professor e ao aluno, pois estas tecnologias digitais de informação e comunicação podem, sim, favorecer o ensino autônomo, pode, sim, ser caminhos para uma relação entre professores e alunos baseada no diálogo, nas experiências científicas vivenciadas por ambos, no sentido de construírem um aprendizado mútuo, uma relação em que o professor possa trazer para o contexto da sala de aula, por meio de didatizações de conteúdo, tecnologias, práticas que, de certo modo, são comuns aos espaços científicos.

Diante desse contexto, o uso das tecnologias digitais de informação e de comunicação no contexto escolar vem ao longo dos anos ganhando muitos usuários. Segundo Pesquisas do CETIC- Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação em 2016, 52% das instituições de educação básica usam celular em atividades escolares. Essa mesma pesquisa mostra que de 2015 para 2016 aumentaram em 10% o número de professores que usam a internet do celular com os alunos. (CAMPOLI, 2017, p. 01).

Bévort e Belloni (2009, p. 07) explicam que no final do século XX, há uma explosão dessas tecnologias e elas podem estar a serviço da educação escolar. Afirmam que,

Ao final do século XX, observa-se uma verdadeira "revolução tecnológica", decorrente do avanço técnico nos campos das telecomunicações e da informática, colocando à disposição da sociedade possibilidades novas de comunicar e de produzir e difundir informação. O conjunto das chamadas "indústrias culturais" (rádio, cinema, televisão, impressos) vive uma mutação tecnológica sem precedentes, com a digitalização que, embora longe de ter esgotado seus efeitos, já delinea uma nova paisagem comunicacional e informacional. Do ponto de vista dos usuários, tal mutação leva um nome: internet, e se realiza em uma máquina ao mesmo tempo incrivelmente complexa e ao alcance de todos nós: o computador, à qual se acrescenta toda uma gama nova de pequenos dispositivos técnicos relacionados com as telecomunicações: telefones celulares multifuncionais, Ipod.

Sendo assim, a Educação não poderia permanecer ilhada em concepções tradicionais, ao contrário, deve-se acompanhar essa revolução tecnológica, que se instaura na sociedade. Em termos práticos, vê-se, cada vez mais, uma forte presença de tecnologias nos espaços de escolas no Brasil, tais como tablets educacionais, computadores, lousa digital entre outros, cujas ferramentas auxiliam o professor, projeta no educando, mesmo de forma processual, “um querer aprender”, um querer participar das aulas.

É importante enfatizar que a questão das tdics não é algo novo na educação brasileira, são uma realidade que vem sendo discutidas há décadas no país, inicialmente nos PCNS (1997), e agora com a BNCC- Base Nacional Comum Curricular, que é já uma realidade na educação brasileira.

Quando se refere ao conteúdo de matemática, um dos principais hoje na Educação Básica, nos PCNs de matemática (PCN) pondera quanto ao uso de mídias na sala de aula que:

Recursos didáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais têm um papel importante no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, eles precisam estar integrados a situações que levem ao exercício da análise e da reflexão, em última instância, a base da atividade matemática (PCNS, 1997, p.19).

Já o BNCC (2018, p. 09) se pauta na competência 05 sobre uso das tecnologias digitais nas diversas práticas sociais, sendo:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Em resumo, o uso das mídias no contexto pedagógico da educação brasileira, mais precisamente, no contexto da educação básica, já existia desde as últimas décadas do século XX, inicialmente nos PCNS, que abordam sobre a utilização de mídias e tipos de tecnologias

que existiam na época, mas a escola, mais especificamente, o contexto educacional, o uso de computadores em sala de aula e outros recursos tecnológicos não eram uma realidade, apesar dos PCNS, estabelecerem a importância do uso de tecnologia na sala de aula.

Nesse mesmo sentido mostra Souza (2013, p. 16), em relação à informática.

A história da informática educacional no Brasil começa na década de 1960. Segundo Moraes (1997), a primeira experiência educacional nessa área aconteceu na Universidade Federal do Rio de Janeiro (URFJ), na disciplina de Física. (*apud* TAVARES, 2013, p.1). Posteriormente, com o desenvolvimento dos computadores pessoais, algumas escolas particulares do país incluíram em suas grades curriculares a disciplina de informática, com foco no conhecimento técnico da informática, ou seja, a informática como fim e não como meio.

Em contrapartida, a BNCC- Base Nacional Comum Curricular, em seu documento e em plena contemporaneidade, prioriza o uso de recursos tecnológicos nas salas de aula em etapas que compõem a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Se os PCNS priorizavam o uso de recursos tecnológicos de forma limitada, a BNCC, por sua vez, procura, apropriar da tecnologia digital da informação e de comunicação de forma a fazer com que o educando, por meios de mídia (computador, data show, câmera digital, celulares, televisão) vivencie o que aprendendo na sala de aula.

Segundo esse documento o objetivo “é formar estudante com conhecimento e habilidades consideradas essenciais para o século XXI. Em suma, a BNCC incentiva a modernização dos recursos nas práticas pedagógicas, com o uso da tecnologia” (BNCC, 2017, p. 78).

Dessa forma, a educação por meio de mídias, de recursos tecnológicos, em todos os níveis que compõem a educação básica é um processo que abrange o desenvolvimento do educando, por meio de práticas pedagógicas envolvendo recursos midiáticos no contexto da sala de aula, em que o educando se torna, não apenas aquele que ouve passivamente, mas, que, através de ferramentas mediadas pelo professor constrói e se constrói no contexto pedagógico da escola.

CAPÍTULO II. O USO DAS MÍDIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Hoje, em termos práticos, não é possível sobreviver na sociedade moderna sem o uso de algum tipo de tecnologia. Considerando que a própria evolução humana sobreviveu durante séculos através de algum tipo de técnica Mas, o que significa tecnologia? A palavra tecnologia provém de uma junção do termo tecno, do grego techné, que é saber fazer, e logia, do grego logus, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001). Em outras palavras, o estudo da técnica. O estudo da própria atividade do modificar, do transformar, do agir (VERASZTO *et al.*, 2008, p. 62).

Apesar de haver muitos conceitos de tecnologia ao longo da história, em diferentes contextos, muitos dos quais abrangem produtos sofisticados que estão ganhando o mercado. Porém, de acordo com Veraszto (2004) tecnologia não é apenas isso, porque, segundo ele, quando o primeiro homem descobriu que era possível manipular a natureza, (o fogo, as pedras) possibilitou melhorar as condições de vida, de existência de seu povo, ali havia uma técnica. Por outro lado, Veraszto *et al.* (2008, p. 75) analisa que “devemos considerar a tecnologia como corpo sólido de conhecimento que vai muito além de servir como uma simples aplicação de conceitos e teorias científicas, ou do manejo e reconhecimento de modernos artefatos”.

Nesse sentido, também, Jung (2009) voltado para fabricação de produtos, acrescenta que o termo tecnologia refere-se a “aplicação do conhecimento científico às propriedades da matéria e da energia, de forma, a serem desenvolvidos novos produtos e processos destinado a reduzir o esforço humano”.

No que refere à educação, esta não está muito distante dessa realidade proposta pelos autores acima, porque, considerando que as novas tecnologias digitais de informação e de comunicação, através de vários tipos de mídias, que emergem na contemporaneidade e, que modificam o processo de ensino e aprendizagem na escola, no contexto pedagógico, teve todo um processo, uma sistematização e uma formalização, antes de chegar até nós, sob forma de aparelho de televisão, videogame, computador, smartphone, data show, entre outros recursos midiáticos, tecnológicos.

De forma específica, a invenção do computador na metade do século XX, e, conseqüentemente, da internet nas décadas seguintes, possibilitaram uma reviravolta em termos de recursos tecnológicos no mundo, sobretudo, na forma de se comunicar a longas distâncias (BRIGGS E BURK, 2002, p. 283-310).

Dessa forma, a escola nos seus processos de ensino e aprendizagem não deveria permanecer fixa em pressupostos tradicionais.

As escolas têm percebido a importância das tecnologias para a aprendizagem na atualidade. Pensar no processo de ensino e aprendizagem em pleno século XXI sem o uso constante dos diversos instrumentos tecnológicos é deixar de acompanhar a evolução que está na essência da humanidade (SILVA E CORREA, 2004, p. 26).

O processo de interação professor-aluno ou ensino e aprendizagem no espaço da escola vem fazendo com que o educador deixe aquela velha postura de um mero transmissor de conhecimento para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam o educando a construir valores, conceitos e atitudes, diante de uma sociedade que exige um perfil de indivíduo, no papel de educando, aperfeiçoado com certas habilidades, conjunto de atributos, para se tornar um protagonista dos processos de aprendizagem.

Nesse sentido, pensar as questões que envolvem o uso das mídias, de tecnologia nos espaços da escola exige uma atitude reflexiva perante a qual, o professor organiza o conhecimento interagindo e estimulando o aluno a ser um autônomo no contexto da sala de aula, fornecendo as bases para que, não apenas busque o conhecimento, mas que seja um protagonista do que se aprende. Isso evidentemente diante de um contexto social em que os recursos midiáticos, que emerge na era da internet, das tecnologias digitais, tais como: smartphone, computadores, data show, redes sociais, apropriam-se dos espaços da escola, o que, certamente, exige um certo perfil de educando habilitado com os novos recursos tecnológicos.

É importante argumentar que a entrada das tdics - na escola devem-se, de fato, as pressões do mercado, das exigências da sociedade que vem eclodindo no país e no mundo, desde as últimas décadas, bem como devido às instituições de ensino estar em franca defasagem com relação a demandas sociais e a culturas das gerações mais jovens (BERLLONI, 2009c, p. 18).

Como a cultura propagada na\pela escola vem se desgastando ao longo dos anos, tanto devido aos métodos tradicionais de ensino, quanto pelo o desinteresse do educando aos saberes escolares, emerge, nesse sentido, com as TDICs a chamada cibercultura, que já é uma realidade presente no mundo globalizado e tecnológico controlado pelo ciberespaço. Jovens e crianças se aglomeram em casa, em espaços sociais, em instituições públicas e privadas conectadas com o mundo virtual construído dentro do ciberespaço: a se comunicar, a assistir e compartilhar vídeos e notícias. O ciberespaço é “[...] o universo paralelo, que tem sua matriz na internet, que abriga megalópolis, ou banco de dados comerciais e uma infinidade de portais e sites de toda espécie, vem sendo chamado de ciberespaço” (SANTAELLA, 2016, p. 40)

Champagnatte e Cavalcanti (2015 *apud* Lemos 1999, p. 11), apontam que a cibercultura é também a modalidade sociocultural que “surge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que emergiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970”. Mas, ela seria também, de acordo com Léviy (1999, p. 17) a cultura dotada de técnicas, valores, pensamento, atitudes que se articulam nesse espaço digital que se forma em meio ao ciberespaço, onde o internauta, o blogueiro, o usuário, se relacionam, seja por meio de chats, weblogs, sites, listas, novas modalidades midiáticas, e-mails, comunidades virtuais, jogos online e plataformas de aprendizagem.

Por outro lado, Berlloni (2009c, p. 10) chama a atenção enfatizando que é um dever da escola integrar nos seus espaços as novas tecnologias considerando que estes recursos tecnológicos já são existentes na sociedade, praticamente em todas as esferas sociais, o que significa que não basta o professor dominar todos os recursos tecnológicos, se o ambiente onde está inserido, não fornece as bases para que o educando seja um protagonista da aprendizagem.

A escola é o lugar onde as ações pedagógicas se efetuam, por meio de metodologias mais ativas utilizadas pelo professor. Requer, assim, uma escola que tenha um ambiente de formação completa do educando, que vai além de um livro didático ou de uma lousa. A escola se constitui, também, como um espaço de construção de saberes, valores, práticas sobre a realidade do aluno. Então, o uso de recursos tecnológicos e midiáticos nos espaços da escola se constitui como uma forma de acesso ao conhecimento, o que significa que o uso de tecnologia não deve ser apenas exterior ao espaço escolar, mas de todos aqueles que participam do processo de ensino e aprendizagem.

Programas cada vez mais complexo (MUD-Multi-User Domains), disponíveis na internet, permitem aos participantes criarem espaços virtuais e através deles interajam com outros personagens criados por outros jogadores. Máquinas cada vez mais complexas possibilitam trabalhar com diferentes programas, ao mesmo tempo, abrindo várias janelas na tela do monitor, e, por exemplo, fazer os exercícios de matemática escola e universidades, no mesmo tempo em que participa de uma conversa (chat) para um jogo de aventura muitas vezes passam ser encarada no mesmo nível das outras janelas: a realidade “vívida” e a realidade virtual acabam por serem percebida como equivalentes, (BERLLONI, 1999b, p. 66)

Essa multiplicidade de acesso aos ambientes virtuais, ora para ler, assistir, aprender, ora para compartilhar, interagir e curtir, são espaços construídos dentro do ciberespaço, que cria realidades virtuais e possibilita interagir com outras pessoas, seja por meio de videogames, seja através de plataformas de relacionamento ou mesmo, para promover eventos, comentar

assuntos do cotidiano, fazendo post. Essas tecnologias digitais vêm ganhando mais adeptos ao longo dos anos e a escola, dessa forma, deve aproveitar o melhor desses recursos tecnológicos e aplicar nos seus contextos de ensino, considerando, como disse, anteriormente, que a defasagem é um processo que vem assolando a cultura escolar e vem exigindo um novo modelo de aluno e uma nova postura de professor frente ao universo virtual.

Almeida e Silva (2011, p. 4) argumentam pautados nas tecnologias digitais, a respeito dos usos da internet, dos computadores, das tecnologias móveis e da web 2.0 na sociedade, afirmando que, eles são responsáveis por múltiplos processos que envolvem os recursos digitais. Nas palavras do autor:

A disseminação e uso de tecnologias digitais, marcadamente, dos computadores e da internet, favoreceu o desenvolvimento de uma cultura de uso das mídias e, por conseguinte, de uma configuração social pautada num modelo digital de pensar, criar, produzir, comunicar, aprender – viver. E as tecnologias móveis e a web 2.0, principalmente, são responsáveis por grande parte dessa nova configuração social do mundo que se entrelaça com o espaço digital (ALMEIDA E SILVA, 2011, p. 4)

Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem através de mídias, recursos tecnológicos, que marca a escolarização dos educandos, é uma realidade que a escola não poderia impedir, em primeiro lugar devido à exigência do mercado de trabalho que exige um novo perfil de aluno e, em segundo devido à defasagem da cultura escolar exigindo um novo olhar sobre os recursos tecnológicos, as mídias no contexto da sala de aula, de modo que aluno aprenda os saberes escolares, com e por meio de recursos tecnológicos, ao mesmo tempo, possa ser um protagonista do que está aprendendo na instituição escolar.

CAPÍTULO III: A IMPORTÂNCIA DAS MÍDIAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO.

Na contemporaneidade, há uma multiplicidade de práticas, em diferentes setores da sociedade envolvendo uso de recursos tecnológicos e midiáticos. Com o desenvolvimento da internet no Brasil, nos finais da década do século XX, mais precisamente, a partir de 1994, começa, nesse período, a exploração comercial e expansão de assinatura de usuário por meio de linha telefônica, com uma velocidade mínima de 64 kbps. Diante disso, a rede mundial de computadores, internet, era institucionalizada no Brasil, somente acadêmicos e órgãos do governo poderiam ter acesso (VALE; COSTA; JUNIOR; (1998?) p. 21).

No entanto, hoje, no Brasil, assim em outras partes do mundo, a partir desse desenvolvimento da internet e tudo que ela está relacionada, desde os computadores, roteadores WIFI até os smartphome, que impulsionaram o mercado mundial de eletrônicos, com as inteligentes tecnologias da informação e comunicação, bem como os fantásticos aplicativos, com variados tipos de linguagem de programação que permeiam a tecnologia móvel.

Porém, no que refere à didática voltada para o meio escolar, as tecnologias ainda sofrem uma espécie de aversão quando se fala em modernizar, inovar as formas de aprendizagem.

Santos (2000), sobre essa questão pondera que a educação possui uma tendência “histórica em retardar a incorporação de inovações em suas práticas pedagógicas”. Os produtos, técnicas dos avanços tecnológicos têm sido absorvidos, usados e dominados primeiramente nos setores mais modernos da sociedade, a seguir nos setores mais conservadores, depois nas casas, a escola, por sua vez, seria o último lugar.

Há muitos fatores que envolvem essa relação da escola com as inovações tecnológicas, que vão desde a aversão do contexto escolar às novas tecnologias, ferramentas interativas de aprendizagem, como também fatores que envolvem a capacitação de docentes frente aos recursos tecnológicos, ferramentas digitais de aprendizagem que emergem no contexto de aprendizagem.

A proposta de mídia na educação não é algo de outro mundo, mirabolante, mas fornece as bases para novas formas de aprendizagem e melhoria da qualidade de ensino. Nesse sentido, mídia na educação é:

A necessidade de integrar os meios de comunicação à escola, do ponto de vista dos novos modos de expressão que eles introduzem no universo infantil- a “a linguagem televisual”- não apenas como instrumento pedagógico, mas sobretudo como novo objeto de estudo. A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos ensinamos a literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente que ser

realizada nestes dois níveis: enquanto objeto de estudo, fornecendo às crianças e adolescente os meios de dominar esta nova linguagem; enquanto instrumento pedagógico, fornecendo aos professores suportes altamente eficazes para melhoria da qualidade do ensino, porque adaptados ao universo infantil (BELLONI, 1991a, p. 41)

Tendo em vista que as novas tecnologias digitais de informação e de comunicação que surgiram nas últimas décadas do século XX, modificaram as formas de leitura, de acesso ao conhecimento, o que emerge novas formas de ler, de interagir e assistir, o que significa que a escola deveria adaptar-se ao contexto tecnológico, que se encontra no momento, criando formas de integrar as mídias, as tecnologias da informação e comunicação ao contexto educacional.

A Alfabetização Midiática e Informacional reconhece o papel fundamental da informação e da mídia em nosso dia a dia. Está no centro da liberdade de expressão e informação, já que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, a avaliar criticamente seus conteúdos e, como usuários e produtores de informação e de conteúdos de mídia, a tomar decisões com base nas informações disponíveis (UNESCO, 2013, p. 194).

A função da escola baseada no pressuposto da UNESCO consiste em formar um cidadão típico da era das tecnologias digitais. Uma pedagogia voltada para o século XXI, um conjunto de habilidades midiáticas para um contexto em que as tecnologias já atravessaram os grandes setores da sociedade, mas, ainda precisa chegar à escola, seja em forma de alfabetização midiática, seja em forma de outras metodologias mais criativas. Porém, a escola, especialmente, a escola pública, apesar de a sociedade expandir cada vez mais o uso de tecnologias nos grandes setores da sociedade, o acesso para alguns indivíduos ainda é restrito, o que significa que instituição escolar possui o dever de compensar as terríveis desigualdades de acessos às tecnologias: computadores, tablet educacionais, notebook, entre outros (BELLONI, 2009a, p. 10).

O acesso à internet na escola, bem como em outros setores da sociedade, permite o funcionamento de grandes softwares e navegar em diversos tipos de sites, seja com smartphone, notebook, netbook, entre outros. No entanto, não basta disponibilizar o acesso à rede, mas vinculá-la ao contexto pedagógico, que é, necessariamente, o objetivo das tecnologias digitais que surgem no ciberespaço dentro do qual funcionam as ciberculturas, que surgiram junto com internet, formando sujeitos navegadores.

Pouco a pouco, as revoluções tecnológicas nos meios de comunicação, principalmente no que se refere aos microcomputadores, smartphones, tablets, entre outros dispositivos, marcam uma nova maneira de conhecer, estabelecer relações, consumir e obter informações. A escola, por sua vez, é palco também dessas mudanças e de diversos tipos de relações de poder e interesses representando um dos meios pelos

quais a cibercultura se propaga e reconfigura formas de ensino e aprendizagem (JUNIOR, 2014, p. 21).

Aos poucos, a escola vem reconfigurando suas práticas considerando que há muito que fazer no contexto educacional que passou décadas com métodos de ensino historicamente tradicionais. Desse modo, o uso das tecnologias projeta no contexto da sala de aula uma perspectiva de rompimento com ensino tradicional, baseado no giz e no quadro negro. A partir do uso das novas tecnologias da informação e da comunicação, e das tecnologias digitais, a escola arquiteta no contexto educacional, além das plataformas de ensino e aprendizagem, lousa digital, jogos envolvendo cálculos matemáticos, atividades baseadas em redes sociais, entre outras.

A finalidade de se integrar mais uma tecnologia na educação – além do retroprojeto, da televisão, do rádio, dos computadores, dentre outros – está relacionada, principalmente, com a ideia de como esse recurso poderá complementar e potencializar os processos educativos em sala de aula, inovando os modos de construção do conhecimento. Nessa perspectiva, a Lousa Digital faria a mediação entre as atividades propostas pelo professor e a compreensão e assimilação das mesmas pelos alunos, auxiliando no desenvolvimento de práticas inovadoras de ensino e de aprendizagem. (NAKASHIMA; AMARAL, 2007, p. 6)

O ano de 2020 foi período que ficará marcado na história da humanidade, sobretudo, a escola com a propagação do covid-19. O contexto educacional não teve outra saída senão reconfigurar urgentemente suas práticas de ensino e usar na educação à distância, plataformas digitais de aprendizagem. Uma dessas plataformas foi o Whatsapp no qual a relação professor-aluno se fundamentou no ciberespaço, Isto é, em rede, a partir de uma cibercultura construída seja através de um vídeo postando nos grupos, seja através da indicação de jogos, como forma construção da aprendizagem.

Enfim, o uso de tecnologias, seja em forma de videogames; jornal escolar; redes sociais; rádio escolar; ou em forma de dispositivos eletrônicos, tais como smartphone, filmadoras, além das plataformas digitais de aprendizagem, no contexto pedagógico e no processo de ensino e aprendizagem. São ferramentas imprescindíveis, porque, além de dinamizar o ensino, projeta no espaço escolar uma perspectiva de aluno autônomo, protagonista de sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho pode-se perceber que o uso tecnologias na escola, mais precisamente, o uso de mídias, seja estas plataformas digitais de aprendizagem, lousas digitais, smartphone, tablet, entre outros, além de dinamizarem o ensino, produzem certa autonomia ao educando no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse espaço, um dos maiores desafios da escola nos tempos atuais, é saber se seus educandos estão aprendendo, isto é, se o saber escolar historicamente tradicional está produzindo seus efeitos, num contexto social, globalizado, e dominado pela internet, pelas novas tecnologias digitais de informação e de comunicação e dispositivos eletrônicos extremamente inteligentes.

Em outros termos, a escola está inserida num contexto tecnológico, em que o mercado exige uma nova postura de aluno, o que a obriga a se reconfigurar emergindo aí, o professor mediador, que é, em tese, um orientador num contexto onde as tecnologias digitais, bem como a cibercultura, dominam as mentes e as concepções dos educandos.

Desse modo, em plena contemporaneidade, a escola não pode ater-se a concepções tradicionais de ensino, mas observar o papel das mídias na sala de aula, como ferramentas imprescindíveis para aprendizagem, tendo em vista que cultura propagada pela escola já não produz tantos efeitos no desenvolvimento do educando, é preciso aliar-se às plataformas de ensino, bem como ao uso pedagógico dos aparelhos móveis, como o smartphone ou o tablet, entres outros, cujas funções, além de formar um educando crítico, possibilita, também, o desenvolvimento, a formação de um aluno protagonista, autônomo nos processos de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. G. M. **CURRÍCULO, TECNOLOGIA, E CULTURA DIGITAL: ESPAÇOS E TEMPOS DE WEB CURRÍCULO**. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7, n.1, 2011. 04 p.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DO BRASIL**. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.

_____. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO- LBD**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 27 novem. 2020 às 17:29.

_____. (1997). **PARAMÊTROS CURRICULARES NACIONAIS**. MEC, Brasília.

_____. (2018, p.09-65) Base Nacional Comum Curricular. MEC, Brasília.

BELLONI, Maria. L. **“EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS”**: MISSÃO URGENTE NA ESCOLA. Comunicação e Sociedade, n.17, 1991.

_____. (1999b). **EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**. Campinas, Editora autores associados.

_____. (2009c). **O QUE É MÍDIA**. 3ª Ed. Campinas-SP, Editora autores associados.

BÉVORT E BELLONI. **MÍDIA-EDUCAÇÃO. CONCEITO, HISTÓRIA E PERSPECTIVA**. Educ. Soc., Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009 1081 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br/>. Acessado 27 nov. 2020 às 17:30.

BRIGGS, A. E BURKE, P. **UMA HISTÓRIA SOCIAL DA MÍDIA: DE GUTENBERG À INTERNET**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, edi, 2004.

CAMPOLI, Clara. G1. **52% DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO BÁSICA USAM CELULAR EM ATIVIDADES ESCOLARES, APONTA ESTUDOS DA CETIC**. São Paulo, 03 de agost. de 2017. Disponível em : <https://g1.globo.com/educacao/noticia/52-das-instituicoes-de-educacao-basica-usam-celular-em-atividades-escolares-aponta-estudo-da-cetic.ghtml>. Acessado em 27 de nov. 2020 às 17:30.

CHAMPANPANGNATTE, D. M. de O. E CAVALCANTI, M. A. P.. **CIBERCULTURA – PERSPECTIVAS CONCEITUAIS, ABORDAGENS ALTERNATIVAS DE COMUNICAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS**. Rev. Estud. Comun. Curitiba, v. 16, n. 41, p. 312-326, set. /dez. 2015.

CURY, C. **EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 168-200. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acessado 28 de nov. de 2020, às 16:30.

JUNG, Carlos F. **METODOLOGIA CIENTÍFICA: O QUE É TECNOLOGIA**, 2009. Disponível em: <http://www.dsce.fee.unicamp.br/~antenor/mod5.pdf>. Acessado em 26 de nov.2020 às 17:40.

JUNIOR, Varela L. W. **A CIBERCULTURA E O USO DO COMPUTADOR E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Monografia. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**. São Paulo: Editora 34, 2000. Brasília, 2014.

LEMONS, A. **INFRAESTRUTURA PARA A CULTURA DIGITAL (ENTREVISTA) Infraestrutura Para a Cultura Digital (entrevista)**. In: COHN, S.; SAVAZONI, R. (Org.). **CULTURA DIGITAL**.br. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: PROCEDIMENTO BÁSICOS, PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS, PROJETOS E RELATÓRIOS, PUBLICAÇÕES E TRABALHOS CIENTÍFICOS**. 7. ed. – 6. reimpr. São Paulo: Atlas: 2011.

MORAES, S.A., TERUYA, T.K. **PAULO FREIRE E FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA**. Págs. 2, 5, 7. UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR. 2010.

NAKASHIMA, Rosária Helena; AMARAL, Sérgio Ferreira do. **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MEDIATIZADAS PELA LOUSA DIGITAL**. Virtual Educa, 2007. Disponível em: Acesso em 27 de nov. 2020.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO: UM PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO**. São Paulo: Scipione, 1997.

QUEIROZ, C. T.; MOITA, F. M. G. S. C. **FUNDAMENTOS SÓCIO-FILOSÓFICO DA EDUCAÇÃO**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **NEVEGAR NO CIBERESPAÇO: O PERFIL DO LEITOR IMERSIVO**. São Paulo, 6ª Ed. Paulus, 2016.

SANTOS, Neide. **ESTADO DA ARTE EM ESPAÇOS VIRTUAIS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. SBC, jun. 2000. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/sbcie/revista/nr4/070TU-santos.htm>> acesso em 28 nov. 2006.

SAVIANI, D. **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM BALANÇO PRÉVIO E NECESSÁRIO**. Conferência de abertura do V Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares, organizado pela Uninove e realizado em São Paulo, de 27 a 29 de agosto de 2008. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/saviani-histc3b3ria-da-histc3b3ria-da-educac3a7c3a3o-no-brasil-um-balanc3a7o-prc3a9vio-e-necessc3a1rio.pdf>. Acessado 24 de nov.2020 às 17:49.

SILVA, R;CORREA, R. **NOVAS ATECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: A EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APENDIZAGEM NA SOCIDADE CONTEMPORÂNEA**. Educação & Linguagem, ano 1 Jun.p23-35, 2014. Disponível em: <https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2014/12/2Artigo1.pdf> .

SOUZA, A. P.; ROSSO, A. J. **MEDIAÇÃO E ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL (ZPD): ENTRE PENSAMENTO E PRÁTICA DOCENTES.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: EDUCERE, 10. 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: CHAMPAGNAT, 2011. v. 1, p. 5894 – 5906.

SOUZA, Maria Gerlanne de. **O USO DA INTERNET COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Monografia (graduação) – Universidade Aberta do Brasil, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências e Tauá, 2013.

UNESCO. **ALFABETIZAÇÃO E INFORMACIONAL: CURRÍCULO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES UFMT:** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/media e information literacy>. Acesso em 20 de nov. 2020 às 17:30.

VALE, Md.; COSTA, D.; JUNIOR, N. **INTERNET, HISTÓRICO, EVOLUÇÃO {1998 ?}**. Disponível em: <http://www.rederio.br/downloads/pdf/nt00501.pdf>. Acessado em 26 de nov. de 2020.

VERASZTO, E. V. **PROJETO TECKIDS: EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.** Dissertação de Mestrado. Campinas. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2004.

____. Tecnologia: **BUSCANDO UMA DEFINIÇÃO PARA O CONCEITO DE TECNOLOGIA.** Prisma.com nº7 2008.

VYGOTSKY, L. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE: O DESENVOLVIMENTO DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS SUPERIORES.** Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.